

O RONCO, O ZUMBIDO E A FEBRE AMARELA: INTEGRANDO CONHECIMENTO E ARTE PARA A CONSERVAÇÃO DOS BUGIOS NO RIO GRANDE DO SUL

Coordenador: JÚLIO CÉSAR BICCA MARQUES

Resumo: A febre amarela é uma doença infecciosa cujo agente viral pertence ao gênero *Flavivirus*. Pode ser de dois tipos: a urbana, erradicada do Brasil em 1942, e a silvestre, característica de regiões de mata. No ciclo da febre amarela silvestre, a doença é transmitida quando um mosquito vetor infectado dos gêneros *Haemagogus* e *Sabethes* pica um bugio (ou outro hospedeiro). Os bugios são muito sensíveis à doença e podem ir a óbito em um período de 3 a 7 dias. Embora seja considerado um hospedeiro acidental no ciclo silvestre, casos humanos da doença também têm sido registrados em vários estados brasileiros. Em outubro de 2008 teve início um surto de febre amarela silvestre que se propagou pelo Estado do Rio Grande do Sul. Até abril de 2009, mais de dois mil bugios foram encontrados mortos. Análises laboratoriais de material coletado de cerca de 300 macacos indicam que a morte de, pelo menos, 25% dos animais não foi causada pela febre amarela. Inúmeros relatos e denúncias indicam que o medo de contrair a doença e a falta de informação levaram muitos moradores, especialmente da zona rural, a matar os bugios em fragmentos próximos às suas propriedades. O bugio-ruivo e o bugio-preto encontram-se ameaçados de extinção na categoria Vulnerável no Estado do Rio Grande do Sul. As principais ameaças são a fragmentação do habitat, a caça e o comércio ilegal de mascotes. Aliado a esses fatores, o recente surto de epizootia de febre amarela, agravado pelo assassinato dos bugios pela população mal informada, pode ocasionar um efeito sinérgico agravando a situação de conservação das espécies. Cabe ressaltar que o Ministério da Saúde considera os bugios como sentinelas da doença, ou seja, são essenciais para alertar os órgãos de saúde sobre a circulação do vírus. A preocupação com a morte dos bugios e a necessidade de informar corretamente a população a respeito da importância da conservação das espécies e do seu verdadeiro papel no ciclo da febre amarela, levou ao lançamento da campanha "Proteja seu Anjo da Guarda" pelo Grupo de Primatologia da PUCRS. A campanha, atualmente assinada por várias instituições governamentais e não-governamentais, promove ações informativas para a conscientização da população. Uma das ações da campanha foi a criação da peça teatral "O ronco, o zumbido e a febre amarela" que tem como objetivo transmitir a informação para a população de uma maneira clara e simples. A peça teatral conta a história de Aninha, uma criança que visita os tios para conhecer o grupo de

bugios que habita o quintal da família. Quando Aninha chega ao local, descobre que seu tio pretende matar os bugios, achando que assim estará livre da febre amarela. Apesar de explicar que os bugios não são culpados pela existência e circulação da doença, a menina não consegue convencer seu tio e é obrigada a ajudá-lo na caçada. No auge da história, Aninha é picada por um mosquito infectado e contrai a febre amarela. Os tios a levam ao posto de saúde, onde são informados do erro que cometeram e aprendem que se não tivessem exterminado os bugios da região, eles provavelmente teriam servido de sentinelas, alertando sobre a chegada da doença e permitindo a imunização da população local. O elenco da peça é formado por alunos da graduação e pós-graduação da PUCRS. O cenário e as fantasias foram criados e elaborados pelos próprios atores com a utilização de diversos materiais (tecidos, cartolinas, arames, etc.). A peça inclui um repertório musical composto por seis músicas de diversos ritmos criadas pelos atores e colaboradores. O funk Bugio 40o criado pelos colaboradores Felipe Ennes Silva (MC Vacinou) e Rodrigo Ennes Cunha (MC Imunizou), por exemplo, teve circulação nas rádios de São Francisco de Assis, RS. Até o momento, já foram realizadas cinco apresentações em diferentes locais de Porto Alegre (Festa do 22º Aniversário do Bairro Rubem Berta, Dia da Solidariedade em frente ao Carrefour do Partenon, 3ª Festa da Biodiversidade no Mercado Público, III Semana de Debates Ambientais da Associação Cristã de Moços e Programa CRIAR na Santa Casa de Misericórdia) com um retorno positivo do público. Além do convite das respectivas instituições e eventos, membros da plateia procuram a equipe após cada apresentação demonstrando interesse em levar o espetáculo para as suas comunidades. A peça teatral representa um projeto dinâmico que está em constante desenvolvimento e aprimoramento. Devido ao interesse e ao envolvimento espontâneo de muitos discentes do curso de Ciências Biológicas da PUCRS nessa importante e necessária atividade de extensão universitária, estão sendo criados novos personagens e músicas visando a qualificação de sua mensagem para as próximas apresentações. Equipe: Coordenador Geral: Júlio César Bicca-Marques Autores: David Santos de Freitas e Elenara Véras dos Santos Atores: Anamélia de Souza Jesus, Danusa Guedes, David Santos de Freitas, Elenara Véras dos Santos, Felipe Pires Franco, Jonas da Rosa Gonçalves, Júlio César Bicca-Marques, Leonel de Souza Martins, Lilian Schmitt, Luiza Gil Vargas da Silveira, Marina Ochoa Favarini, Nathalya Porciúncula Rocha, Reinaldo Átila França Cordeiro, Tanilene Sotero Pinto, Thaís Martins Pereira e Winie Cunha Lacerda Colaboradores: Felipe Ennes Silva, Rodrigo Ennes da Cunha Dados de Identificação: David Santos de Freitas/ Elenara Véras dos Santos Telefone Celular: (51) 9 2 1 5 - 9 0 6 5 / 9 9 8 6 8 5 8 1 Telefone residencial: (51) 33616765/33449788/33534742 E-mail: davids.freitas@yahoo.com.br /

elenaraveras@yahoo.com.br Público Alvo: população em geral.
Infra-estrutura: Equipamento de som para reproduzir cd de músicas para o público. Microfone e pedestal para o narrador. Local para vestir as fantasias (banheiro ou camarim).